

Reflexões sobre a dança e os meninos *

Susan Stinson **

Resumo: neste artigo a autora discute, através de depoimentos e reflexões pessoais, problemas referentes ao ensino de dança para meninos, enfatizando a preocupação e dificuldades que professores de dança geralmente têm em salas de aula ao tratar destes assuntos. A autora aborda questões como a homofobia, o homossexualismo e suas relações com a sociedade enfatizando a necessidade de uma relação diferente e diferenciada entre e sobre gênero nas aulas de dança em ambiente escolar. Para tanto, discute suas experiências como professora, pesquisadora e mãe, relacionando-as à história e ao status da mulher na sociedade americana.

Palavras-chave: meninos, mulher, dança, educação, sociedade

Abstract: in this article the author reflects about some problems concerning boys and dance giving emphasis to the difficulties most teachers have when dealing with these issues in school environment. She brings questions about homophobia, homosexuality and their relationship with society, stressing the necessity of establishing a different approach to gender in education. She discusses her personal experiences as a teacher, researcher, and mother as related to women's history and status in American society.

Descriptors: boys, women, dance, education, society

O fato de esta conferência dedicar um dia inteiro ao tema "meninos e dança" indica que, na opinião dos organizadores, aí existe algum problema. A maioria de nós concorda. Os professores de dança costumam reclamar que, principalmente depois da primeira infância, poucos meninos matriculam-se voluntariamente em suas turmas. Em minha pes-

* Este artigo foi apresentado como palestra principal na 7th dance and the Child international Conference, em Kuopio, Finlândia, em julho de 1997. Traduzido e publicado com autorização da autora. Tradução: Mônica Martins.

** Professora - Doutora e chefe do Departamento de Dança da University of North Carolina at Greensboro (UNCG), Estados Unidos. Preside a dance and the Child international (daCI).

quisa com alunos de dança em ambientes escolares, a maior preocupação revelada pelos meninos de 10 a 15 anos que entrevistei era de que a dança fosse uma "aula de meninas"; já a maior preocupação dos meninos mais velhos era a de que as pessoas pudessem pensar que eles eram homossexuais por freqüentarem aulas de dança. No campo profissional, quase todo coreógrafo que conheci queria mais dançarinos, e intérpretes mulheres, com razão, reclamam que dançarinos menos treinados e menos capazes encontram mais oportunidades do que dançarinas bem qualificadas.

Para a maioria de nós, os conflitos com questões de diferença de gênero não estão limitados a nossos papéis profissionais. A grande quantidade de livros sobre relacionamentos entre homens e mulheres que pode ser encontrada nas seções de auto-ajuda de qualquer livraria dos Estados Unidos, com títulos como *You just don't understand* (Tannen, 1991), dá uma pista de quão desafiador é, para homens e mulheres, trabalharem e viverem juntos.

Acho que os campos pessoal e profissional podem esclarecer um ao outro, especialmente quando se trata de questões de gênero. Nesta apresentação, portanto, compartilharei com vocês algumas reflexões pessoais, na esperança de que elas os estimulem a refletir sobre questões profissionais, da mesma forma como aconteceu comigo. Faço isso com plena consciência de que histórias pessoais são comumente vistas como "fofoca" ou "conversa de mulher", certamente inadequadas para eventos como palestras principais de uma conferência. Claro que essa é uma outra questão de gênero (Grumet, 1988), sobre a qual escrevi em outro trabalho (Stinson, no prelo), mas da qual não falarei hoje.

Começando com o aspecto pessoal, digo-lhes que, quando me convidaram para participar desta mesa redonda, pensei tratar-se de um engano. Imaginei que homens deveriam ser os palestrantes numa mesa dedicada à dança para meninos. O que poderia eu - ou qualquer outra mulher - saber sobre a masculinidade e suas implicações para o ensino de dança para meninos?

Embora não seja especialista no assunto, sinto que deveria ser. Vivi numa família com um ou mais homens durante 45 dos meus 50 anos. Cresci com meu pai e três irmãos e, hoje, vivo com meu marido e um filho que acabou de fazer 18 anos. Apesar de a maioria dos estudantes universitários de dança a quem ministro aulas ser composta de mulheres, metade do corpo docente de 10 professores é constituído de homens. Dei aulas para muitos meninos, da pré-escola ao segundo grau, a maioria concentrava-se no ensino fundamental; os meninos de 10 anos são meus alunos preferidos. Realizei algumas pesquisas que incluíam entrevistas com meninos sobre o significado de suas experiências com a dança, li muitos livros sobre diferenças de gênero e publiquei alguns trabalhos sobre questões de gênero na dança.

A despeito destas qualificações, sou a primeira a reconhecer que há muito sobre a masculinidade que é um mistério para mim; mais ainda, em muitos dos aspectos da masculinidade que realmente compreendo no plano intelectual ainda tenho conflitos no plano emocional. Uma de minhas primeiras terríveis conclusões derivadas destes conflitos foi a de que as mulheres não podem ensinar muito aos meninos sobre o que é ser homem. Essa afirmação não é nem tão óbvia nem tão desligada do ensino da dança como poderia parecer a princípio. Afinal, a maioria dos educadores baseia suas escolhas pedagógicas não só em quem são seus alunos, mas também no tipo de adulto que esperam que esses alunos venham a ser. Além disso, as aulas de dança têm se caracterizado como um rito de passagem para gerações de

meninas pequenas aprenderem o que significa ser mulher. Por que professoras de dança não seriam capazes de ensinar aos meninos pequenos as mesmas lições?

Uma das diferenças entre ensinar papéis de gênero por meio da dança para meninos e ensiná-los para meninas é que as lições sobre feminilidade frequentemente aprendidas na dança - ser silenciosa, obediente, graciosa e bonita - são as mesmas que as meninas aprendem em outros lugares; um treinamento como este reforça as expectativas da sociedade em relação às mulheres. No entanto, imagino que a maioria de nós também tem obtido sucesso ensinando às meninas outras qualidades, menos tradicionalmente femininas, por meio da dança. Quando minha filha nasceu, eu queria que ela desenvolvesse não só gentileza e sensibilidade, mas também força e independência; o mesmo vale para as meninas e mulheres a quem ensino. E consigo fazer isso não só explorando essas qualidades no currículo de dança como também tentando desenvolvê-las na minha vida pessoal.

Quando meu filho nasceu, eu esperava ensinar a ele gentileza, sensibilidade e a maneira de cultivar relacionamentos, qualidades bastante difíceis de encontrar em homens da minha geração. Exatamente como o Professor Higgins, que cantava "Por que a mulher não pode ser mais parecida com o homem?", em *My Fair Lady*, sempre pensei que os homens poderiam ser melhores se fossem mais parecidos com as mulheres - e ninguém melhor do que a mulher para ensinar isso aos meninos. Pensava ser capaz de realizar essa tarefa. Quando meu filho era bem pequeno, sua canção de ninar preferida era uma inventada por mim, chamada "Gentil Ben". Ele não teve receio de escolher o rosa para tingir uma camisa num acampamento de férias, apesar de uma menina ter dito a ele que rosa era para meninas. Sua professora do primeiro ano me contou que as outras crianças gostavam de jogar com Ben porque ele inventava novas regras para que não houvesse perdedores.

O primeiro sinal de mudança apareceu quando ele tinha cerca de 10 anos - a minha idade preferida para ensinar meninos, por causa do entusiasmo e do gosto deles pelo desafio. Um dia, quando fui buscar Ben no treino de futebol, vi que ele estava perturbado. Perguntei: "Como foi o treino?", e ele respondeu com dificuldade: "O treinador gritou". Respondi: "Parece que foi difícil de suportar". Nesse momento, ele se desfez em lágrimas e se virou para mim com raiva: "Detesto quando você me faz chorar!" Ponderei sobre esse incidente por muitos anos, tentando entender por que criar uma situação segura para um menino chorar gerava esse tipo de reação. Certamente, eu sabia que lágrimas são consideradas sinal de fraqueza, especialmente em homens. Mas pensava que poderia ensinar a ele o contrário, de forma que soubesse que a expressão dos sentimentos é uma parte importante da vida humana.

Ao ler a respeito de questões de gênero, concluí que o processo de identidade de gênero - ou a compreensão do que significa ser homem ou mulher em uma cultura - é mais complexo do que parece. Descobri que a teoria denominada "relações de objeto" (Dinnerstein, 1977; Chodorow, 1978; Grumet, 1988) é útil para explicar esse processo. Segundo muitos teóricos, em virtude do fato de a primeira pessoa a cuidar de uma criança ser mulher, a busca da identidade de gênero é diferente para meninos e meninas. As meninas estabelecem sua feminilidade pela identificação e pela ligação com a mulher que toma conta delas, e assim passam a ver o mundo como um lugar feito de relações, como uma "teia de relações". Já o menino sob os cuidados de uma mulher precisa realizar uma separação e tornar-se "outro", a fim de estabelecer sua masculinidade; isso o leva a ver o mundo como um lugar constituído de partes separadas em competição umas com as outras - "cada um por si". Existe uma quantidade significativa de livros que mostram como essas

maneiras diferentes de ver o mundo, que, devo fazer uma observação, não se aplicam a *todos* os homens nem a *todas* as mulheres, realmente afetam a forma como a *maioria* dos homens e das mulheres, pelo menos na cultura ocidental, comunicam-se (Tannen, 1991), tomam decisões morais (Gilligan, 1982), e aprendem a pensar criticamente (Belenky, 1986).

Por meio dessa literatura, entendi por que mulheres não podem ensinar meninos o que é ser homem, especialmente se seus ensinamentos contradizem as lições do resto da sociedade. Para definir-se como homem, o menino precisa estabelecer sua própria individualidade, e definir-se como "outro" em relação à mulher. Especialmente se privado do contato masculino, o menino interpreta a masculinidade apenas como o oposto do que percebe como feminino, por isso, a tentativa da mãe que cria um filho sozinha de ensinar esse menino a ser sensível e carinhoso, adotando esses comportamentos, freqüentemente pode ter o efeito oposto. Isso também vale para a tentativa de uma professora de ensinar meninos.

Eventualmente chegarei ao que penso que podemos fazer, como mulheres, apesar de não podermos ensinar os meninos a serem homens, mas, primeiro, quero compartilhar com vocês uma segunda coisa que aprendi sobre dança e meninos: mesmo se tivéssemos muitos modelos masculinos na dança e uma quantidade maior de professores homens de dança, isso não necessariamente significaria que os meninos se sentiriam mais à vontade para ver a dança da mesma forma como as meninas vêem. Na universidade onde trabalho, não achamos que o fato de haver mais professores homens tenha aumentado o número de alunos homens. Penso que o "problema dos meninos e dança" também está atrelado a uma homofobia desenfreada e ao *status* inferior da mulher em nossa sociedade.

Não me lembro de que a questão de homens *gays* (homossexuais) na dança tenha sido discutida em qualquer das conferências anteriores da daCi¹. A despeito do grande número de dançarinos *gays* vitimados pela AIDS, a maioria de nós, que estamos envolvidos no ensino da dança, permaneceu calada em público, exceto para protestar ocasionalmente dizendo que nem todos os homens na dança são *gays*. Parece que estamos preocupados com o fato de que tais idéias sobre homens e dança mantenham afastados os heterossexuais que poderiam dar *status* a nossa profissão. O medo da homossexualidade - a própria ou a dos outros - realmente pode afastar potenciais estudantes de dança do sexo masculino. Entretanto, acho que o problema não é a homossexualidade, mas as atitudes que tantas pessoas adotam a respeito do assunto. E acho que contribuimos para esse problema toda vez que afirmamos para meninos ou para seus pais que nem todos os dançarinos são homossexuais e que eles não deveriam se preocupar com a possibilidade de que a dança, nas palavras de um jovem que entrevistei, fará qualquer um "virar *gay*". Embora conheça muitos homens heterossexuais no mundo da dança, incluindo os cinco do corpo docente da minha universidade, e certamente não pense que a orientação sexual possa ser causada por qualquer atividade em particular, nossas reiteraões inadvertida e freqüentemente enfatizam a idéia de que ser *gay* é algo com que nos devemos preocupar seriamente.

Agora, volto às confidências e conto-lhes que, como mãe que tentava criar um filho sensível, tive estas preocupações. As mães são responsabilizadas por tudo o que se passa com seus filhos, e são freqüentemente responsabilizadas pela homossexualidade. E se meu

¹ A daCi (dance and the Child international) é uma associação sem fins lucrativos membro do Conselho Internacional da Dança, da UNESCO, que tem por objetivo principal promover e incentivar trabalhos de dança voltados para e com as crianças e os jovens (nota da organizadora).

filho fosse *gay*, seria minha culpa, por tentar ensiná-lo a ser sensível e partilhar seus sentimentos? Esse foi um receio sobre o qual nunca falei, por causa do constrangimento de ser eu, também, uma homofóbica. Depois de muita reflexão pessoal, de mais interação com colegas e amigos *gays*, lésbicas e bissexuais, e de mais interesse por eles, finalmente percebi que meu amor e meu respeito por meus filhos não dependiam de sua orientação sexual. Embora eu certamente espere que nenhum deles tenha de enfrentar o tipo de discriminação enfrentado por *gays* e lésbicas, o problema é a discriminação e não aqueles que estão sendo discriminados.

Alguns intelectuais que escrevem sobre gênero estabelecem uma ligação entre nosso medo da homossexualidade e o *status* inferior das mulheres. Sem entrar no fundamento dessa ligação, que acho questionável, reconheço que o *status* inferior das mulheres, e de qualquer coisa que diga respeito a elas, é parte daquilo que faz do tema "meninos e dança" um problema digno de ter um dia inteiro desta conferência dedicado a ele.

Mesmo quando eu era criança, sabia que era um elogio dizer para uma menina: "você corre como um menino" ou "você arremessa como um menino", elogio que queria muito receber, mas que nunca ouvi (ou mereci). Hoje, atletas mulheres no meu país parecem ser vistas de forma mais positiva. Em alguns ambientes, o prestígio parece alcançar as atletas mulheres tanto quanto os atletas homens, e não apenas as ginastas ou as patinadoras.

O inverso não é verdadeiro - o maior insulto que um treinador pode dirigir a seus jogadores é dizer que eles estão "jogando como um bando de garotas". Fora do mundo dos esportes, também não é difícil encontrar exemplos que denigram as mulheres ou mostrem seu *status* inferior. Embora as oportunidades para as mulheres sejam significativamente maiores do que eram há uma geração, ainda há muito a ser conquistado. E, na minha opinião, temos de ir ainda mais longe para tornar aceitáveis para os homens uma variedade de escolhas. Como exemplo, ousou dizer que um número maior de pais e mães se entusiasma com a idéia de que sua filha quer ser médica do que ao ouvir que seu filho quer ser enfermeiro. E é bem mais aceitável para meninas ser atleta do que é, para meninos, ser dançarino.

Neste ponto, você provavelmente está pensando que tenho soluções para esses problemas - afinal, não foi por isso que me convidaram a falar nesta mesa redonda? Estou constrangida por minhas sugestões serem tão modestas e tão óbvias.

Embora as mulheres não possam ensinar os meninos a ser homens, elas *podem* continuar a ensinar, tanto aos meninos quanto às meninas, que as mulheres podem ser fortes e ousadas, que podemos nos movimentar com destreza e ter grandes idéias - em outras palavras, que muitas meninas e mulheres não são inúteis. Quanto maior o espectro de comportamentos femininos conhecido pelos meninos, menos clara a distinção entre o que é comportamento não feminino, ou masculino, o que conseqüentemente expande as oportunidades para ambos os sexos. Acho que isso é parte da educação que precisamos oferecer também para elevar o *status* da mulher, e há inúmeras oportunidades para fazê-lo no ensino da dança. Reconheço duas limitações nessa "solução parcial". Uma é que, mesmo quando os homens realmente acham que as mulheres podem ser tão boas quanto eles, eles não necessariamente dão lugar a elas. É por isso que apoio ativamente os programas de ação afirmativa e as barreiras legais contra discriminação - em relação a mulheres, e também em relação a minorias, deficientes e homossexuais.

O segundo problema que vejo no fato de usar aulas de dança para mostrar que as mulheres podem ser fortes e ousadas é que isso leva a uma ênfase no movimento vigoroso

so, sumamente físico, dando mais tempo para reações motoras masculinas estereotipadas. Como muitos outros professores de dança de meninos e meninas, freqüentemente inicio as aulas para crianças de 10 anos em diante com atividades que envolvem a relação entre dança e esporte; estimulo os professores a quem ensino, e que estão enfrentando dificuldades com meninos em suas aulas, a encontrar seus próprios “atletas interiores”, ou aquilo a que os psicólogos junguianos às vezes se referem como *animus* ou “porção masculina”, presente tanto nos homens como nas mulheres. Adoro o tipo de movimento que aparece como resultado, a força que expõe nas meninas e a surpresa dos meninos quando descobrem que gostam de dançar, pelo menos, esse tipo de dança. Existem muitos exemplos de programas bem-sucedidos de dança para meninos baseados nesse tipo de movimento.

Mas quando honrar a delicadeza, ou a *anima*, que ambos os sexos também possuem? Normalmente, depois que os meninos aprendem que podem confiar no fato de que não vou constrangê-los, eles se dispõem a explorar qualidades opostas; por exemplo, podem começar com dinâmicas do “chicotear” ou “flutuar”, pelo menos em pequenas doses. Estimulo-os a tentar o desconhecido, o desconfortável, fazendo disso um desafio, dizendo a eles que difícil é assumir aquele tipo de risco. Na maioria das vezes, funciona, embora eu saiba que, por si só, o fato de ensinar essas atividades não tornará a delicadeza, fora do estúdio, mais aceitável para os homens.

No entanto, mesmo achando que esse é o tipo de aula de que as meninas também precisam, ainda sinto que estou dirigindo o ensino mais para as preferências dos meninos do que das meninas. Isso ainda me incomoda, porque muitas pesquisas mostram que os meninos já recebem mais atenção nas escolas do que as meninas. Não descobri o que fazer em relação a isso. Notei que a pesquisa de Karen Bond² revela que o uso de máscaras pode ajudar a liberar os alunos dos papéis sexuais tradicionais na dança, embora os meninos estudados por ela fossem pequenos, de uma idade na qual acho que eles são mais capazes de romper com essas expectativas.

Também me incomoda o fato de parecer que tudo o que posso fazer é participar da evolução lenta e contínua das expectativas em relação aos sexos. Eu preferiria começar uma revolução. Mas, quando fico desanimada, penso na escola em que iniciei um programa de dança há 20 anos; muitos meninos nessa escola escolhem ter aulas de dança mesmo depois dos primeiros anos, quando elas são obrigatórias. Também comparo minha vida de mulher com a de minha mãe, cujas escolhas profissionais eram o ensino ou a enfermagem, e esperava-se que ela abandonasse a profissão quando se casasse. Lembro-me de minhas tentativas mal sucedidas de formar uma equipe de atletismo feminina na escola secundária, e, então, penso na minha filha, que corre nas equipes de corrida rústica e atletismo da escola onde estuda. Penso em meu marido, que hoje participa de um grupo de conscientização de homens que busca definições mais amplas de masculinidade. Estes homens serão mais capazes de ensinar aos meninos algo sobre o lado mais delicado, mais gentil de ser homem do que sou capaz. Penso em meu filho - que não é dançarino, como alguns dos filhos de vocês - que, com naturalidade, passa a roupa da família e, recentemente, escreveu um trabalho sobre a opressão das mulheres na literatura inglesa. Embora

² Vide artigo neste número.

eu ainda lute em minha vida pessoal e em minha vida profissional com as questões de gênero, está claro que progredimos - como Bob Dylan cantava nos anos 60: "Os tempos, eles estão mudando".

Talvez, no curso de minha vida, as aulas eletivas de dança não sejam freqüentadas por um número equivalente de meninas e meninos, mas talvez eu venha a ter um neto - ou um bisneto - que venha a participar de uma conferência da Ci na qual não se precisará discutir o tema meninas e dança.

Referências bibliográficas

- Belenky, M. F.; Clinchy, B.M.; Goldberg, N.R. e Tarule, J.M. (1986). *Women's ways of knowing: The development of self, voice, and mind*. Nova York: Basic Books.
- Bond, K. (1994) How "Wild Things" tamed gender distinctions, *Journal of Physical Education, Recreation and Dance* 65, pp. 28-33.
- Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering: Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press.
- Dinnerstein, D. (1977). *The mermaid and the minotaur: Sexual arrangements and the human malaise*. Nova York: Harper and Row.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Grumet, M. (1988). *Bitter milk: Women and teaching*. Amherst: University of Massachusetts Press. College Press.
- Stinson, S.W. (no prelo). Places where I've been: Reflections on issues of gender in dance education, research, and administration, *Coreography and Dance*.
- Tannen, D. (1991). *You just don't understand: Women and men in conversation*. Nova York: Ballantine.